

A PODRIDÃO SECA – FICA FURIOSA?

Graham Roy Coleman.
B.Sc(Hons),M.I.Biol.,C.Biol.,A.I.W.Sc.,F.Inst.R.T.S..

«<http://www.mill-rise.freemove.co.uk/Dry%20rot%20with%20an%20attitude.htm>»

Desde há muito tempo que são conhecidos relatórios sobre falhanços significativos após a execução dos chamados “tratamentos contra a podridão seca” – entendendo-se por estes as irrigações / esterilizações das alvenarias. Tem sido registado que, após tratamentos contra a podridão seca, esta fica furiosa, deflagrando pelos furos dessas irrigações e crescendo selvaticamente por cima e através dos materiais supostamente tratados. Existem muitas histórias de terror sobre sucessivas repetições de tratamentos sobre áreas supostamente esterilizadas; alguns custaram milhares de libras, e motivaram mesmo dispendiosas querelas judiciais. E, claro, isto acontece sempre nos trabalhos mais caros e prestigiosos. Temos a Lei de Murphy de novo em acção !

Mas porquê ? Um esforço hercúleo da podridão seca, químicos ineficientes, ou o quê ? Bem, na verdade este fenómeno não é novo. Ele acontece desde que estão em uso os tratamento de alvenarias. No entanto, a indústria não era tão conhecedora como é agora, e o público não tinha uma atitude tão crítica e reivindicativa como tem agora. Provavelmente, eles aceitavam que os termos das garantias contra a podridão seca só eram válidos se os edifícios permanecessem secos (mas como a podridão não ataca as madeiras secas, então qual era o valor de qualquer tratamento químico – nenhum !).

Tratamento contra a podridão seca ??

O que é, então, um tratamento contra a podridão seca ? Há uma coisa que ele não é, seguramente, e essa coisa é a esterilização da alvenaria ! A podridão seca ataca a madeira – ela só usa a alvenaria como um meio através do qual, e sobre o qual, ela pode crescer – e apenas se o substrato estiver húmido. A podridão seca não cresce sobre / através de materiais secos. Então, porque é que se pretende fazer a esterilização das alvenarias ? Basicamente, esta foi uma atitude histórica, trazida dos tempos em que as pessoas pensavam que se espalhassem sobre a podridão um produto químico em quantidade suficiente a conseguiriam matar – a mentalidade era que só os químicos conseguiriam matar os crescimentos. Mas a pesquisa e uma boa quantidade de bom senso demonstraram, claramente, aquilo que era bastante óbvio – sem humidade, a podridão não se desenvolve e acaba por morrer !



A esterilização das alvenarias tornou-se moda, e permanece na moda, porque se supõe que ela consegue matar o micélio dentro da alvenaria, detendo, conseqüentemente, o seu espalhamento pelas madeiras. Mas o micélio só cresce, e só se espalha, se for alimentado – sem comida não há crescimento – e, portanto, tem que haver água presente. Claramente, o problema actual (e o problema histórico, na verdade) é que o micélio não ficava morto – e se não ficava morto, continuava a espalhar-se, já que havia uma fonte de alimentação. A fotografia superior mostra um crescimento de podridão seca sobre uma parede, posterior à irrigação da sua alvenaria – a fotografia inferior mostra os furos de irrigação encontrados por baixo das placas de micélio, assinalados por palitos.



Os químicos usados não são o problema; a maioria foram ensaiados em laboratório e, sob as condições destes ensaios, eles demonstraram serem muito eficientes. Mas um laboratório não é uma edificação na qual uma parede inteira tenha sido integralmente tratada. Na prática, e, no entanto, isto nunca é possível; o fluido nunca satura uma parede, ficando largas áreas por tratar. Além disso, o volume de fluido necessário para saturar uma parede é enorme; este problema está discutido no BRE Digest 299 "Dry rot; its recognition and control". Outro problema importante é que o volume de esterilizante injectado pode provocar ainda mais danos do que a própria podridão seca. Conforme verificado, as paredes anteriores exigiram uma enorme quantidade de líquido para a sua total irrigação, e este precisa de secar. Isto significa que, em muitos casos, a irrigação provoca um significativo humedecimento da parede, causando danos, por vezes, maiores do que os causados pela própria podridão seca.

"Caixas tóxicas" e aspersões

Vamos então falar sensatamente sobre a esterilização das alvenarias. Se for feito um pedido de tratamento e não sentirmos que se deva fazer uma irrigação, então será preferível formar-se uma "caixa tóxica" em que sejam tratados perímetros e superfícies, esperando-se, assim, evitar que a podridão saia dessa "caixa" tratada e se espalhe pelas madeiras adjacentes. Esta será a forma mais radical de tratamento que alguma vez pode ser exigida. Mas temos que nos lembrar, a podridão só cresce se for alimentada (madeira) e estiver húmida !

No entanto, na maioria dos casos, será suficiente aspergir-se a superfície e, se a face de uma parede estiver para ser rebocada com cimento, nem sequer nos devemos preocupar com ela; a elevada alcalinidade do cimento novo irá evitar que a podridão seca se aproxime dela. Para além disso, o reboco vai ser, de longe, demasiadamente denso para as hifas da podridão seca o penetrarem. No que respeita às irrigações, um perito mundial em podridão seca é referido por afirmar que "*as irrigações das alvenarias funcionam melhor onde não são necessárias*", o que arruma o assunto. Muito simplesmente, é preferível deixar-se a alvenaria em paz e concentramos os nossos esforços no verdadeiro controlo do processo, evitando-se a entrada de água, a sua eficiente secagem e evitando-se que a madeira fique húmida.

Alternativas ?

Voltemos aos falhanços. Em termos muito gerais, e trata-se aqui, provavelmente, de uma hipótese, a maioria dos actuais fluidos contra a podridão são micro emulsões contendo, normalmente, um fungicida solúvel em solventes, mas suspenso em água. É possível, em certa medida, que estes materiais não sejam levados a contactar com os fungos tão rapidamente como os materiais solúveis em água. Na verdade, parece existir uma certa superioridade de grau de sucesso com materiais solúveis em água, relativamente às micro emulsões. Eu estou pessoalmente informado sobre um caso em que o micélio continuou a emergir de uma parede e em que o investigador não conseguia encontrar a sua fonte de alimentação. Foi tentada a irrigação por duas vezes mas sem qualquer sucesso, mesmo com uma irrigação total. Reparou-se, então, que um imunizador para madeira em gel, à base de borato, estava a pingar lentamente de umas madeiras recentemente tratadas, situadas um pouco acima. O borato tinha escorrido pela face da parede abaixo, pelo que foi simplesmente esfregado sobre essa superfície, para a limpárem. Mas, para o espanto de toda a gente, o crescimento nunca mais voltou ! Isto talvez suporte a anterior hipótese sobre os materiais solúveis em água, e é bem conhecido que os boratos solúveis em água são fungicidas extremamente eficientes, especialmente quando formulados com glicóis.

Assim, é extremamente improvável que exista um “super esforço” da podridão seca; isto só acontece porque continuamos a confiar em materiais cujo modo de aplicação e cuja eficácia in-situ podem ser questionáveis. A aplicação maciça de químicos não é um tratamento contra a podridão seca – a boa prática construtiva já o é, certamente – isto está descrito no BRE Digest. Mesmo assim, continua a depositar-se muita confiança nas irrigações de alvenarias a que se chama, risivelmente, de “tratamentos contra a podridão seca”, provavelmente porque as pessoas ainda esperam confiar naquelas eventualmente desonestas cláusulas de garantia que se referem à conservação dos edifícios secos. E tudo isto faz com que existam riscos com a possibilidade de mais despesas, as quais têm, apenas, como contrapartida uma pequena percentagem do preço dedicada ao fluido de irrigação. O verdadeiro controlo assenta numa boa prática construtiva e na adequada selecção e aplicação dos imunizadores.

No entanto, em muitas ocasiões, pode-se confiar de certa forma nos tratamentos químicos. Nestes casos, devemos ser muito selectivos sobre qual o fungicida e como deve ser aplicado, assim como onde o deve ser. Se, após uma correcta apreciação, for encarado como necessário algum tratamento da alvenaria, então deve ser escolhido o material correcto – provavelmente, apenas solúvel em água.

Conclusões

Para concluir, não existem “super podridões”, o problema essencial no programa de controlo é que se confia muito nos tratamentos químicos, especialmente nos tratamentos das alvenarias, em vez de se estar atento às boas práticas construtivas. Quando se tem que confiar nos imunizadores, então é necessário encarar-se cuidadosamente o tratamento, e escolhê-lo e aplicá-lo com sabedoria. Se a indústria continuar a confiar cegamente nos tratamentos químicos, os riscos de falhanços continuarão a ser pesados.